



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS HABILITAÇÃO LINGUA INGLESA**

RUBYSLENE PEREIRA DE SOUSA SILVA

**A TRADUÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENSINO/APRENDIZAGEM NAS
TURMAS DE 8º E 9º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**CAMPINA GRANDE
2016**

RUBYSLENE PEREIRA DE SOUSA SILVA

**A TRADUÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENSINO/APRENDIZAGEM NAS
TURMAS DE 8º E 9º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras – Inglês.

Orientadora: Profa. Esp. Senizia Cordeiro de Sousa Ramos.

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586t Silva, Rubyslene Pereira de Sousa
A tradução como ferramenta de ensino/aprendizagem nas turmas de 8º e 9º ano no ensino fundamental II [manuscrito] / Rubyslene Pereira de Sousa Silva. - 2016.
25 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Esp. Senizia Cordeiro de Sousa Ramos, Departamento de Letras".

1.Tradução. 2.Ensino/aprendizado. 3.Língua inglesa. 4. Ensino fundamental II. I. Título.

21. ed. CDD 372.652

RUBYSLENE PEREIRA DE SOUSA SILVA

TRADUÇÃO FERRAMENTA DE APRENDIZADO NAS TURMAS DE 8º E 9º ANO
NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Artigo apresentado ao Departamento de Letras
da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB),
em cumprimento às exigências e normas para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Letras - Inglês.

avada em: 21/10/2016

BANCA EXAMINADORA

Senizá Cordeiro de Sousa Ramos
Profa. Esp. Senizá Cordeiro de Sousa Ramos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Auricélio Soares Fernandes
Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Thiago Almeida
Prof. Thiago Almeida

Aos meus pais, meu filho, meus irmãos, pela
dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Telma Ferreira, coordenadora do curso de Graduação, por seu empenho.

À professora Senizia Cordeiro de Sousa Ramos, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

A minha mãe Helena, ao meu pai Rubens, a meu filho João Batista, a meus irmãos Henrique, Roseline, Hellen, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

Aos professores do Curso de Graduação da UEPB, em especial, Senizia, Auricelio, Thiago, Karyne, Kaline que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe, em especial, a minha amiga Edna Camargo, pelos momentos de amizade e apoio.

“Citação relacionada com o tema do trabalho,
com indicação de autoria.”

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	DESENVOLVIMENTO.....	08
2.1	O uso da tradução como estratégia no ensino da língua inglesa	09
2.2	A tradução na sala de aula do Ensino Fundamental II.....	12
3	METODOLOGIA	15
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS	21
	ANEXOS	25

A TRADUÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENSINO/APRENDIZAGEM NAS TURMAS DE 8º E 9º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

RUBYSLENE PEREIRA DE SOUSA SILVA

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o uso da tradução como uma ferramenta metodológica no ensino e aprendizado de língua inglesa, como um método facilitador nessas aquisições, como o objetivo central de apresentar algumas possibilidades de aplicação de atividades de tradução. Tal análise foi realizada com professores e alunos do 8º e 9º ano do ensino fundamental II, em escolas da rede particular de Campina Grande, tomamos como base teórica as concepções de tradução dos seguintes autores: Albir (1998), Nord (2001) entre outros. Os resultados obtidos indicam que há sim, um espaço para tradução, não como metodologia, mas como uma ferramenta enriquecedora no ensino de LE.

Palavras-Chave: tradução; ensino/aprendizado de línguas inglesa: alunos do fundamental II

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o ensino de Língua Estrangeira, com o objetivo de atender as novas demandas da sociedade, da educação, vem se modificando de forma a promover a formação do indivíduo participativo, crítico, que tem acesso a um mundo sem fronteiras, onde as informações circulam de forma muito rápida e exigem cada vez mais novas competências que diferenciem os indivíduos no mercado de trabalho. Nesse sentido, o domínio da linguagem, tanto a materna quanto a língua inglesa, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões do mundo, produz conhecimento (BRASIL, 1998, p. 13).

Diante das novas configurações sociais, nas quais informações e descobertas acontecem em frações de segundo, o processo de desenvolvimento da escola entra na pauta como um dos mais importantes aspectos a serem discutidos neste processo, pois é nela que são promovidas as mais importantes formulações teóricas sobre o desenvolvimento cultural e social de todas as nações, dessa forma, a pesquisa educacional acaba tomando um lugar central na busca de perspectivas que possibilitem uma nova prática educacional que envolva toda a comunidade escolar e principalmente os professores, que passam a ser mediadores de novos conhecimentos, partindo do interesse e necessidades do grupo. Nesse contexto, a escola

assume o papel de preparar o indivíduo para as novas exigências que a sociedade e o mercado de trabalho impõe.

Nesse sentido, é importante discutir as estratégias para o ensino e aprendizagem de línguas, pois elas atuam como ferramentas que podem ser utilizadas no desenvolvimento de diferentes habilidades, das quais o aluno pode valer-se para melhorar sua competência comunicativa, sua proficiência e autoconfiança. Para Lopes (2007 p.34), as estratégias de aprendizagem de línguas são formas mediadoras planejadas ou não que o aprendiz realiza consigo e com o mundo, buscando melhorar o seu desempenho.

O uso da tradução na sala de aula, como estratégia de ensino de língua estrangeira é uma temática bastante discutida por professores que atuam no ensino das línguas estrangeiras. Ridd (2005), por exemplo, crê que os benefícios da tradução ultrapassam possíveis malefícios, e que sua presença em aulas, com propósitos comunicativos, contribui de forma direta para o processo de ensino aprendizagem. Cook (1998), Malmkjaer (1998), entre outros, corroboram com essa ideia a medida que defendem a tradução como elemento presente e fundamental no ensino de língua estrangeira.

Costa (*apud* Bohn H, Vandersen, 1988) defende a tradução como uma boa prática nas aulas de língua estrangeira entretanto, enfatiza que os alunos devem aprender a traduzir ideias e não palavras. Dessa forma, a tradução passa a ser vista como um bom exercício mental, que engloba associações e memorização, desenvolvendo a habilidade do aluno de usar a língua de maneira aprimorada e dinâmica. Apesar dos benefícios, Branco (2009), nos diz que esta deve ser usada em situações específicas, ou seja, como atividade para explicação de conteúdos específicos ou como exercício. O autor, ainda, nos alerta que seu uso deve ser controlado e restrito a situações específicas, evitando-se solicitar do aluno a tradução de palavras ou frases isoladas, pois tais práticas “geram falta de sentido e, conseqüentemente, de comunicação” (p.186).

Essas considerações suscitaram os seguintes questionamentos de pesquisa: Qual a importância da utilização de atividades de tradução no ensino de língua inglesa para alunos do ensino fundamental? Essas atividades favorecem o desenvolvimento linguístico, cultural, histórico e identitário dos alunos? Para responder esses questionamentos tomamos como objetivo geral: analisar a importância da utilização de atividades de tradução como estratégia no ensino de língua inglesa para alunos do ensino fundamental. Como objetivos específicos elencamos: (1) verificar como a estratégia da tradução é utilizada pelos professores nas aulas de inglês em turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II; (2) Identificar a opinião de professores e alunos sobre as atividades de tradução presentes na dinâmica das aulas de língua

inglesa; (3) Discutir as possibilidades e dificuldades de utilização da tradução como estratégia de aprendizagem nas aulas de língua inglesa em turmas do Ensino Fundamental II.

Na tentativa de responder a esses questionamentos, optamos por uma pesquisa do tipo estudo de caso numa abordagem qualitativa embasada em fontes bibliográficas específicas, na qual a pesquisa empírica nos permitiu a coleta de dados, por meio de questionários semi-estruturados, com perguntas abertas e fechadas. Tomamos como campo empírico duas escolas da rede particular de ensino de Campina Grande (PB). Elegemos como sujeitos de pesquisa dois professores do 8º e 9º ano respectivamente e cinco alunos de cada turma. Como instrumento complementar de coleta de dados, utilizamos a observação direta da rotina de uma sala de aula durante as aulas de língua inglesa.

A pesquisa oportunizou discutir a importância da estratégia de tradução nas aulas de língua inglesa com alunos do Ensino fundamental II, como forma de estimular a leitura crítica, a autonomia do estudante e como forma de desenvolvimento de lógica, clareza, formação intelectual, a aprendizagem da precisão e a expressão da criatividade.

O trabalho foi dividido em uma parte teórica onde buscamos discutir algumas concepções de tradução no ensino da língua inglesa e a pesquisa de campo realizada em duas escolas da rede particular de Campina Grande PB

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O uso da tradução como estratégia no ensino da língua inglesa

Atualmente, vivemos em um novo modelo de sociedade em constante movimento onde, cada vez mais, as transformações do mundo globalizado, dos constantes avanços tecnológicos e de conhecimentos, vem requerendo que os sujeitos dominem novos conhecimentos, novas capacitações e se molde as diversas realidades. Sendo assim, o domínio de uma segunda ou mais línguas tornou-se uma necessidade, já que passa a ser um atributo facilitador e diferenciador no concorrido mercado de trabalho. Ou seja, por razões econômicas, diplomáticas, sociais ou comerciais, a necessidade de entrar em contato com falantes de outro idioma tornou-se cada vez mais necessária na sociedade atual, o que impulsionou o surgimento de diversas metodologias de aprender e ensinar, de forma sistemática, a língua estrangeira (MERCADO, 1999).

Nesse contexto, o uso da tradução vem sendo, ao longo do tempo, uma estratégia importante para a compreensão de uma determinada língua. Prado (*apud* Tecchio, 2008 e

Bittencourt, 2011) aponta a tradução como um processo privilegiado, que permite, entre outros, a comparação entre códigos diferentes, contribuindo na formação paralela do aprendiz em termos linguísticos. Entretanto, durante muito tempo a prática da tradução no ensino de línguas estrangeiras sofreu severas críticas e teve diminuída a sua importância enquanto recurso para o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

De acordo com Richards & Rodgers (2001) nos séculos XVII a XIX o ensino de Latim nas escolas da Europa era baseado no ensino de regras e convenções gramaticais e essa prática pedagógica passou a ser aplicada no ensino das línguas estrangeiras. Priorizava-se a língua escrita e as instruções e explicações eram feitas em língua materna. Para Lucindo (2006), a meta principal na época era preparar os alunos para ler textos literários ou religiosos. O autor nos explica que essa metodologia envolvia três passos básicos de aprendizagem, a memorização de vocabulário, o estudo de regras gramaticais e os exercícios de tradução, dessa forma essa prática levava o aluno a estudar a gramática da língua, ler textos com ajuda de dicionários e, por fim, escrever uma tradução do texto.

Na década de 1970, ainda prevalecia a crença da repetição e do exercício, no entanto esse tipo de fragmentação no processo de aprendizagem foi muito criticado e passou a ser deveras rejeitado. Com o passar dos anos e com as influências de estudiosos como Piaget (1954) com o conceito de construtivismo e a epistemologia genética; Vygostky (1987) e o sóciointeracionismo; Roger (1971) e a psicologia humanista, passou-se a se evidenciar a abordagem comunicativa no ensino das línguas estrangeiras. Sendo assim, essa abordagem Comunicativa, centrada no aluno e que tem como objetivo a comunicação, a tradução e o uso da língua materna passam por uma reavaliação, o que nos leva a um percurso de idas e voltas na utilização da tradução no ensino de línguas. Prado (2008) afirma que uma das grandes orientações atuais do ensino das línguas é incorporação entre as orientações metodológicas e as vivências práticas de ensino da língua materna e das línguas estrangeiras.

Nesse sentido, de acordo com Hurtado Albir (1998), ao se utilizar a tradução como prática pedagógica o professor está indo além de transferência de palavras, mas pode contribuir para que o aluno participe ativamente da construção do conhecimento elaborado sobre a língua, desde que o professor utilize textos da realidade e dos campos de conhecimento que dominam seus alunos. Para Pegenaute (1996), a tradução oferece um leque de possibilidades didáticas, ajudando no aperfeiçoamento do idioma estrangeiro e do materno, auxiliando na formação intelectual e ajudando na melhora da leitura, já que exige dos alunos uma leitura atenta, pesquisa e busca de compreensão do sentido das palavras no contexto do texto. No entanto, é preciso que o professor esteja atento para orientar o aluno em relação às

características singulares de cada cultura, como a presença de regionalismos, gírias, etc, que podem interferir na compreensão global do texto.

De acordo com Widdowson (1991) a tradução, pode ser uma estratégia pedagógica bastante eficaz no ensino da língua estrangeira, principalmente se este tem um fim específico. Entretanto, Richards & Rodgers (2001) nos lembra que a contextualização é a premissa básica do ensino, uma vez que aprender língua significa aprender a comunicar-se. A tradução, por sua vez, também proporciona ao aluno o contato com regras de desinências e a estrutura de um texto e a sua utilização aprofundando e ampliando a aquisição de conhecimentos sobre as estruturas lexicais e gramaticais de forma até autônoma, independente, aprendendo a associá-las para formar frases e compreender o texto globalmente.

Nord (2001), defende que a tradução deve estar presente no ensino das línguas estrangeiras uma vez que as traduções são necessárias para atender a uma grande variedade de funções comunicativas, porém é preciso ter em mente que a situação e a cultura guiam os símbolos linguísticos e não linguísticos. Nesse sentido, Campos (1986), nos diz que a tradução não se limita apenas na transposição de uma língua para a outra, envolve a bagagem cultural de uma língua, ou seja, traduz de “uma cultura para outra” (p. 28). O autor defende que a tradução é uma estratégia eficiente para aquisição e revisão do vocabulário aprendido e também uma atividade válida para a prática e aperfeiçoamento, da Língua inglesa, pois contribui para que o aluno possa expressar mensagens, rompendo as barreiras (de que?).

Durante séculos a tradução foi considerada a base fundamental do ensino de língua estrangeira, pois se constituía uma tentativa de tornar o aprendizado mais simples, tomando a sentença como unidade ao invés do texto. Contudo, quando o objetivo do ensino deixou de ser o texto escrito, a tradução deixou de ser utilizada e passou a ser lembrada apenas como técnica ultrapassada de ensino da gramática. Praticamente desde os ataques ao método que dá ênfase a gramática e a tradução, ela passou a ser desconsiderada como uma estratégia de ensino. Cook (2007) afirma que a tradução “permaneceu somente marginal na linha principal da linguística aplicada e na teoria de ensino de língua inglesa: tanto naquela dedicada ao estudo empírico dos processos aquisicionais da linguagem, quanto naquela preocupada com a sociologia e política do ensino de inglês no mundo globalizado contemporâneo” (p.396).

Jakobson (*apud* VENITI,1952) dividiu a tradução em 3 tipos:

- 1) A tradução intralingual, ou reformulação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual, ou tradução propriamente dita, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução intersemiótica, ou transmutação, consiste na

interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais (1975: 64-5).

A tradução intralingual, é baseada na interpretação de signos verbais mediante outros símbolos do mesmo idioma e estamos utilizando esta como estratégia quando recorremos a sinônimos do mesmo código linguístico. A tradução interlingual, é a interpretação de símbolos verbais de outro idioma como, a tradução de títulos de filmes ou músicas, provérbios populares, etc. E por último, a tradução intersemiótica que trabalha com a interpretação de símbolos verbais por meio de símbolos não verbais, como gestos, imagens, figuras relacionadas com textos, etc.

2.2 A tradução na sala de aula do Ensino Fundamental II

Atualmente, muitos alunos que chegam ao Ensino Fundamental II com muitas dificuldades na Língua Inglesa, ou não tiveram aula de língua inglesa no Ensino Fundamental I, que é o caso daqueles alunos oriundos de escolas públicas, ou estudaram superficialmente alguns aspectos da língua inglesa, portanto o que é óbvio para uns pode não ser para outros. Nas series iniciais do fundamental II a metodologia utilizada, na maioria das vezes, é o inglês instrumental, ou seja, ensino da língua por meio de textos, conteúdos gramaticais e de vocabulário. A tendência do material didático dessa etapa é separar as aulas em duas etapas: gramática e compreensão de textos, dando-se evidência a oralidade.

Nesse contexto, não podemos perder de vista que o ensino da língua inglesa pode contribuir significativamente para que o aluno ganhe uma bagagem cultural e linguística. Os PCNs (BRASIL, 1998), ressaltam que:

[...] a disciplina Línguas Estrangeiras na escola visa a ensinar um idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, cumprir outros compromissos com os educandos, como, por exemplo, contribuir para a formação de indivíduos como parte de suas preocupações educacionais. (BRASIL, 1998)

Os PCNs também orientam no sentido de que a língua estrangeira contribua para a inclusão e vivência da cidadania no âmbito escolar, levando-o a uma reflexão sobre o seu lugar e o seu papel na sociedade. Sendo assim, a língua estrangeira de acordo com o documento:

[...] propõe trabalhar no âmbito da formação de indivíduos, de cidadãos – se focalizar um aspecto já mencionado anteriormente: o de trabalhar em prol de uma “alfabetização” dos alunos (indivíduos, cidadãos) (SOARES, 2004) condizente com

as necessidades da sociedade em que vivem, de uma sociedade que tem as suas próprias características, porque é interpelada por uma história e uma cultura em constante construção e reconstrução (BRASIL, 2006, p 97).

O aluno que adentra o Ensino Fundamental II e que teve a oportunidade de ter estudado a língua inglesa no Ensino Fundamental I possivelmente terá uma melhor familiarização com a língua, portanto pode-se pensar em estruturas mais aprofundadas, vocabulário mais abstrato; enfim, são diversas as vantagens. Por outro lado, quando a língua inglesa é apresentada pela primeira vez no Fundamental II, como no caso das escolas municipais e estaduais, haverá a necessidade de retomar noções extremamente básicas e isso poderá acarretar um déficit estrutural significativo que poderá estender-se até o Ensino Médio. Nesse sentido, é muito importante que o ensino da língua inglesa aconteça de forma contextualizada, despertando o interesse do aluno e abreviando tempo antes perdido. Utilizem-se textos curtos, músicas, jogos, multimídia, gêneros textuais diversificados que facilitem o uso da língua na prática cotidiana. Nesse sentido, os PCNs orientam que “a escolha dos textos de leitura deve, por exemplo, partir de temas de interesse dos alunos e que possibilitem reflexão sobre sua sociedade e ampliação da visão de mundo, conforme a proposta educativa focalizada neste documento” (BRASIL, 2006, p. 114).

Nesse sentido, o ensino precisa priorizar as necessidades sociais e levar em consideração os avanços teórico-metodológicos que vem ocorrendo ao longo do tempo e que passaram a exigir novas estratégias de formação do cidadão para viver na sociedade moderna, globalizada e competitiva. Para que isso aconteça é preciso que compreendamos que o mundo passa por um processo de rápido desenvolvimento, um mundo globalizado, onde as informações circulam a uma velocidade alucinante e exige dos indivíduos novos conhecimentos e uma capacidade extrema de se adaptar as novas mudanças e novos perfis que vão surgindo. O mundo mudou e vai continuar mudando para atender às necessidades de cada geração. Hoje em dia, ser capaz de acompanhar as mudanças, conhecer-se e conhecer o outro é uma habilidade importantíssima que toda e qualquer disciplina deve abordar. Portanto, a língua inglesa também deve contribuir para essa formação integral do aluno crítico e participativo.

No entanto, ainda temos escolas e professores insistindo em velhos métodos de ensino, centrados apenas em aspectos formais da língua. Nesse sentido, Celani (2009) defende que é preciso reconhecer a importância de se trabalhar o segundo idioma para a educação integral de cada indivíduo - o que proporciona esse indivíduo compreender o outro e as diferenças,

além de inserir este no contexto atual. Para o autor, formação inicial e continuada dos professores de língua estrangeira deve priorizar:

1. Empenhar-se em afetar a vida de seus alunos (objetivo moral); 2. Aprofundar o conhecimento pedagógico (conhecimento mais sofisticado sobre ensinar e aprender); 3. Conscientizar-se sobre os amplos problemas da política educacional e desenvolvimento social; 4. Trabalhar de modo interativo e colaborativo; 5. Aprender a trabalhar em novas estruturas – redes de aprendizagem; 6. Desenvolver o hábito e as habilidades de indagação e aprendizagem; 7. Mergulhar nos mistérios, nos altos e baixos da complexidade dinâmica do processo de transformação (CELANI 2001, apud SOUZA, 2006, p. 163).

Eles apenas repetem o que aprendem. Ainda há um problema grave nas escolas: a falta de importância que os professores das outras disciplinas e os gestores das escolas dão para a disciplina de LE. Muitos acreditam que ela serve apenas preencher a carga horária mínima. Às vezes, nem mesmo os próprios professores de línguas têm noção do quanto à disciplina é importante para a inclusão (CELANI, 2009).

A tradução assume uma nova roupagem, deixando para trás a tradução literal e descontextualizada, na qual o professor ignora o contexto e traduz termos isolados, sem considerar a realidade e os sujeitos envolvidos. Entra em cena a necessidade de trabalhar as línguas estrangeiras em contextos situacionais. Nessa abordagem de pensamento, Malmkjaer (1998) defende que a tradução continua sendo um componente significativo no ensino de línguas em vários países e, por essa razão, a autora sugere que devemos utilizá-la de forma adequada na rotina de aula de cada turma, de acordo com o perfil dessa turma.

Atkinson apud Romanelli (2009, p. 210) sugere vários usos da tradução na sala de aula:

(a) explicar o significado de uma palavra mediante a tradução; (b) controlar a compreensão de uma estrutura da LE na LM; (c) permitir ou estimular os estudantes a traduzirem de uma palavra como controle de sua compreensão; (e) elucidar o vocabulário dando o equivalente na LM; (e) dar instruções relativas a uma atividade, na LM, facilitando a comunicação com os estudantes.

De acordo com Santos (2007) nos últimos anos, percebe-se que apesar de ainda haver certa rejeição da tradução ou do uso da língua materna no ensino de língua estrangeira, principalmente por parte dos professores mais jovens, tem surgido o interesse em pesquisadores em desenvolver seus estudos na área de tradução em relação a sala de aula de língua estrangeira, o que demonstra que há avanços nas teorias que tratam do uso de língua materna no ensino-aprendizagem de língua estrangeira, contribuindo assim para um melhor desempenho dos profissionais de língua estrangeira. No entanto, é preciso não perdermos de vista que não existe um melhor método para o ensino da língua estrangeira, o melhor método

é aquele que considera as diferenças de cada turma, os interesses dos alunos e o domínio pedagógico do professor. É preciso que o professor dessa área esteja se qualificando permanentemente e tenha o interesse por estar sempre melhorando sua prática pedagógica.

3. METODOLOGIA

Pesquisa qualitativa, com enfoque numa abordagem descritiva e analítica, na qual, recorreremos a fontes bibliográficas e a pesquisa empírica, do tipo estudo de caso.

Instrumentos de coletas de dados: a observação direta e questionários semi-estruturados.

A pesquisa foi realizada em duas escolas particulares de Campina grande.

Os sujeitos da pesquisa foram dois professores do 8º e 9º ano do ensino fundamental II, e cinco alunos de cada turma.

4. ANÁLISES DOS RESULTADOS

A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas da Rede particular de ensino de Campina Grande (PB), no período de abril a maio de 2016. Os dados da observação e de questionários semi-estruturados, aplicados com duas professoras da disciplina de língua Inglesa e 10 alunos das turmas de 8º e 9º ano das duas escolas.

Durante os momentos de observação podemos constatar que os alunos demonstraram boa aceitação as aulas de língua inglesa. A quantidade de aluno nas turmas participantes da pesquisa é inferior a 20 alunos na primeira escola e 35 na segunda escola. Na primeira escola, o número reduzido de alunos facilita as estratégias utilizadas pelas professoras e permite um melhor acompanhamento individualizado das atividades. Percebemos que as professoras trabalham de forma tradicional, enfatizando o livro didático adotado pela escola, porém também demonstram desenvolver estratégias que envolvem dinâmicas, diálogos e momentos de tradução de músicas e poemas que envolvem os alunos, despertando o interesse e a atenção destes nas aulas. Observamos, também, que os conteúdos são trabalhados, de forma contextualizada, através de leituras, interpretações, produções de diálogo e apresentação de leituras de textos para treinar a pronuncia das palavras.

Durante as aulas, foi possível observar que as professoras procuram tornar as aulas atrativas, utilizando diversos recursos didáticos, usaram textos do livro didático, bem como atividades extras digitadas. As professoras mencionaram ainda, trabalhar com pesquisas, pois

todos os alunos possuem acesso a meios digitais e estes são aproveitados para o aprendizado da língua inglesa.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (1998), para se ensinar uma língua estrangeira é preciso compreender teoricamente o que seja a linguagem, sua importância, bem como, como fazer uso desta em sociedade. Neste sentido, é importante a interação social e o foco na aprendizagem significativa no processo de ensino e aprendizado. Outro aspecto a ser evidenciado na prática pedagógica é o uso das novas tecnologias, pois estas podem contribuir para o acesso a língua estrangeira.

As professoras, responderam um questionário onde, inicialmente, indagamos sobre qual a metodologia que estas utilizam nas aulas de língua inglesa e estas afirmaram que procuram tornar as aulas bem dinâmicas e atrativas para os alunos, pois nem sempre estes estão a fim de fazer as atividades propostas no livro didático. Apontaram a tradução de músicas, como estratégias que prendem a atenção dos alunos.

Perguntamos as professoras se estas trabalham com a tradução em sala de aula e em que contexto recorrem a essa estratégia de ensino. As mesmas responderam que sim e que o fazem, principalmente, com músicas e textos de temáticas que interessam aos alunos, pois dessa forma conseguem melhores resultados e que procuram trabalhar textos que permita explorar os conteúdos explorados no livro. Em relação a frequência em que acontecem essas atividades, responderam que, como a prioridade do planejamento é trabalhar o livro adotado pela escola, atividades com tradução, não acontecem com a frequência que gostariam, entretanto são usadas como estratégias de motivação dos alunos para os conteúdos do livro. A professora (A) comentou em seu questionário:

Utilizo a tradução em minhas aulas em atividades planejadas, com músicas ou textos que despertem o interesse dos alunos, pois percebo que auxiliam a compreensão dos alunos, bem como os ajuda a se familiarizar com as questões gramaticais da língua inglesa de uma forma mais dinâmica e se constitui uma forma mais prazerosa dos alunos realizarem as atividades.

Nesse sentido, Romanelli (2009) observa que a vantagem do uso da tradução não se limita apenas a facilitar o estudo das mensagens linguísticas, mas permite economizar tempo em sala de aula. Vantagem esta de considerável importância devido ao fato de que na grande maioria das escolas são disponibilizadas uma carga horária de noventa minutos semanais para o ensino de uma língua estrangeira.

Perguntamos as professoras se estas consideram a tradução uma boa estratégia para o ensino de língua inglesa, estas consideram que é uma boa estratégia, pois prende a atenção

dos alunos, permite partir de textos, filmes ou músicas que despertem o interesse e a participação dos alunos durante as aulas. Medina (2003), defende que a música possibilita a memorização do vocabulário, além de facilitar a escrita e ser um meio viável de aquisição de uma segunda língua. Ainda, de acordo com o autor, a tradução de música sensibiliza os discentes, pois, é fato que está muito presente na vida do ser humano. Para o autor outra grande contribuição na aprendizagem são os filmes, pois, além de motivar os estudantes com o uso de recursos multimídia em sala de aula, tornam as estratégias de ensino mais diversificadas. Para tanto se deve ter cuidado por parte dos aprendizes quanto à seleção dos filmes, esclarecendo aos estudantes a finalidade deles, para que não sejam vistos simplesmente com momento de descontração.

Em relação as dificuldades enfrentadas em sua prática como professora de língua inglesa, citaram a desmotivação dos alunos, apontando essa como um desafio, pois precisam está constantemente renovando as estratégias de ensino. Sobre isso Leffa (Apud Lima,2011), explica que o próprio aluno deixa de assumir a responsabilidade de estudante, isto é, não estudam e acabam atribuindo toda responsabilidade na escola ou professor, agindo de forma muito passiva diante a aprendizagem da língua estrangeira.

As professoras apontaram ainda, que outra grande dificuldade que enfrentam está relacionada a carga horária da disciplina, que em relação as demais disciplinas, é pequena o que prejudica no aprendizado da mesma, pois com poucas aulas o professor tem dificuldades de aplicar estratégias diferenciadas, que permita o aluno estar em contato constante com a nova língua estrangeira. Enfatizam que um encontro semanal é muito pouco para trabalhar todos os conteúdos exigidos no módulo e ainda promover atividades que despertem o interesse do aluno para aquisição da língua estrangeira. Em relação a essa problemática Schmitz (2009, p.14) afirma que:

A carga horária nem sempre é favorável para a disciplina de língua estrangeira nas escolas públicas. O número de horas é pouco, e o tempo limitado não permite dar atenção igual a todas as habilidades. É por essa razão que os PCNs (BRASIL, 1998) recomendam que a ênfase seja dada ao desenvolvimento da habilidade de leitura. (op. cit. 2009)

Aplicamos um questionário com a 10 alunos, sendo 05 alunos da turma do 8º ano e 05 alunos da turma do 9º ano. Inicialmente indagamos os alunos sobre o que eles acham das aulas de língua inglesa. Em sua maioria consideram as aulas legais, mas gostariam que fossem mais dinâmicas e menos presas as questões gramaticais . Ficou claro para a pesquisadora, que os alunos, participantes da pesquisa, que consideram a língua inglesa atrativa e demonstram interesse em ampliar seus conhecimentos sobre ela.

Foi perguntado aos alunos, quais as maiores dificuldades enfrentadas no estudo da língua inglesa e a maioria dos alunos afirmou que os próprios conteúdos, principalmente a parte gramatical, é o mais difícil. Alguns alunos apontaram que têm grande dificuldade na leitura em sala de aula, pois possuem deficiência na pronúncia do idioma. Dificuldades que apontam para a necessidade dos professores utilizarem mais recursos áudio-visuais em sala de aula, com a finalidade de proporcionar maiores oportunidades para o aluno ouvir em língua inglesa. O professor deve ter essa consciência, de que será sua prática pedagógica que influenciará o aluno no desenvolvimento das habilidades necessárias para aprender o segundo idioma.

Daí a importância desse professor está preparado, de está aberto para o novo e disposto a oferecer um ensino contextualizado, que corresponda a realidade de seus alunos. Esse sentido, Barcelos (2009), defende que o professor deve trabalhar de forma criativa e significativa, fazendo uso de diversas, levando em consideração o que os alunos desejam e irão aprender, e que seja por vontade e de forma prazerosa que estes entrem em contato com a língua inglesa.

Indagamos os alunos sobre o que acham da estratégia de tradução de textos e músicas nas aulas de língua inglesa e estes, em maioria absoluta, responderam que gostam muito. Mencionaram que a tradução de músicas e textos diversos ajudam na compreensão de muitas outras questões da língua inglesa, torna as aulas atrativas, possibilita o estudo da cultura, facilita a pronúncia correta, é acessível e geralmente a professora trás material que são do interesse da maioria na sala. Nesse sentido, Nunes (2006) também cita as inúmeras vantagens do uso de música para o ensino de língua estrangeira. De acordo com a autora, a música exerce um encanto sobre as pessoas, pode trazer lembranças, sentimentos, serve para relaxar, brincar, levar para outros lugares, distrair, reuni pessoas e facilita a apreensão da pronúncia, gramática e compreensão oral.

Quando indagados sobre como gostariam que fossem as aulas de língua inglesa, a maioria apontou o uso da tradução como estratégias que devem está presentes no dia-a-dia das aulas de inglês. Ficou claro, no questionário que, a maioria, gosta e tem acesso regular as material em língua estrangeiras.

Segundo Costa (2010, p.120), a música, na sala de aula, deve levar os alunos a observar a interação texto-melodia e a perscrutar os meios técnicos que lhes trouxeram a canção, bem como seu processo de produção, é preciso também considerar seu processo de construção e o processo de assimilação, a época em que surgiu e como foi transmitida. Portanto, trabalhar com estratégias que envolvam o uso de categorias de tradução oportuniza

trabalhar em um contexto mais próximo do que o aluno conhece e evita o que Beaugrande (*apud* Arruda,1997) chama de tarefas artificiais, fazendo com que o aluno adquira mais confiança para interagir no contexto de língua estrangeira.

Portanto, concordamos com Arrojo (2003) quando defende a tradução não como uma transferência de palavras entre duas línguas, mas uma forma de produção de sentidos, de significados. É um processo que envolve a experiência do tradutor, aliado à cultura. Pudemos perceber que a tradução pode ser um recurso ou estratégia de aula que pode contribuir para transformar nossos alunos em pesquisadores linguísticos.

Dessa forma, concordamos com Malmkjaer (1998) quando nos diz que a tradução continua sendo um componente significativo no ensino de línguas em vários países e, por essa razão, a autora sugere que devemos fazer uso dessa estratégia de forma a beneficiar o aprendiz. Entretanto, ao pensar na tradução como estratégia pedagógica em sala de aula é preciso ponderar bastante para que esta tenha resultados positivos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nos levou a perceber que a estratégia da tradução nas aulas de língua inglesa torna as aulas mais interessantes. A aceitação das atividades que envolvem a tradução de músicas e textos são bem aceitas e portanto, pode permitir que o professor explore, além das questões inerentes a língua, aspectos históricos, políticos, sociais, culturais, religiosos, geográficos. Possibilita, ainda, a abordagem de temas transversais, como a violência, cidadania, juventude, drogas, direitos e deveres, contribuindo para o crescimento cultural e social do aluno enquanto cidadão. Discussões que podem partir da tradução e compreensão de uma música, um vídeo, um texto que desperte o interesse dos alunos.

O uso da tradução, de forma consciente, por parte do professor, como estratégia de ensino, pode romper com a ideia de que traduzir é simplesmente uma atividade mecânica e que basta ter domínio linguístico ou ser nativo do idioma - alvo para realizá-la.

Ficou claro para a pesquisadora que todos os alunos consideram importante o conhecimento da língua inglesa, que, apesar das dificuldades gostam da disciplina, desejam que as aulas sejam mais interessantes e enxergam a tradução, principalmente de músicas, como uma ferramenta que irá ajudá-los a compreender melhor a língua inglesa.

No entanto, também percebemos que as professoras necessitam de mais informações sobre outras funções que a tradução pode desempenhar em sala de aula de forma a atrair a atenção e motivação de todos os alunos, os envolvendo-os durante o ano letivo com

estratégias diferenciadas que vá além da utilização do livro didático e que envolva músicas, textos ou informações sobre as questões sociais que vivenciam.

Esperamos que, este artigo possa ter contribuído para um esclarecimento a respeito da visão do uso da tradução por muitos professores que a usam ou deixam de usar, como estratégia de ensino, sem deixar de lado a necessidade de dinamizar suas aulas utilizando-se de diversos recursos, procurando sempre criar e inovar nas tarefas, mostrando a importância das línguas estrangeiras para o aluno, o seu futuro acadêmico o desenvolvimento profissional, do qual requer o mundo globalizado.

A TRADUÇÃO FERRAMENTA DE APRENDIZADO NAS TURMAS DE 8º E 9º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

ABSTRACT

This article aims to analyze the use of translation as a methodological tool in English language teaching and learning, as a facilitator method such acquisition, as the main objective to present some application possibilities of translation activities. This analysis was carried out with students from the 8th and 9th grade of elementary school II in the public schools of Campina Grande

Keywords: translation; teaching / learning English language: elementary students II

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. **O Signo Desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. Campinas: Pontes, 2ª ed. 2003. Disponível em:

<https://www.passeidireto.com/arquivo/5306720/livro-de-humanas---arrojo-rosemary---o-signo-desconstruido>

CAMPOS, Geir. O que é tradução. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1986. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/o-que-e-traducao-campos-geir.html>

BEAUGRANDE, R. de. *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge and Society*, Norwood: Ablex, 1997. In: Arruda, Marineide Cavalcanti, 1971- O texto e o seu potencial através do agir comunicativo em Habermas / Marineide Cavalcanti Arruda – 2011. 131 f. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/6324/1/arquivototal.pdf>

BARCELOS, A. M. F. Lugares (im) possíveis de se aprender Inglês no Brasil: crenças sobre aprendizagem de Inglês em uma narrativa. In: **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, Múltiplos olhares**. Ed. São Paulo: Parábola, 2011, p. 14-158.

BRANCO, S. O. **Teorias da tradução e o ensino de língua estrangeira Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 185-199, 2009. Disponível em:

<http://www.periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/viewFile/2941/2545>

BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Estrangeira. Brasília: SEF/MEC, 1998. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrageira.pdf

BRASIL. *Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio ; volume 1)*. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf Acesso em outubro de 2016.

CACHO, M. & BRANCO, S. O papel da tradução na sala de aula de línguas estrangeiras. In: **Anais do VII Seminário Nacional sobre o Ensino de Língua Materna e Estrangeiras e de Literatura**. Campina Grande, UFCG, 2011. Disponível em:

<http://periodicos.ufpb.br/index.php/ct/article/viewFile/13035/7543>

CELANI, Maria Antonieta Alba. “Não há uma receita no ensino da língua inglesa”. Revista Nova Escola, Ed. 222, maio de 2009. Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/lingua-estrangeira/fundamentos/nao-ha-receita-ensino-lingua-estrangeira-450870.shtml> Acesso em outubro de 2016.

COOK, G. Use of translation in language teaching. In: BAKER, M. (Ed.). **Routledge encyclopedia of translation studies**. London: Routledge, p. 117-120, 1998. Disponível em: http://www.academia.edu/5675952/Routledge_Encyclopedia_of_Translation_Studies

COOK, Guy. “A thing of the future: translation in language learning”. *International Journal of Applied Linguistics*. Vol. 17, n.3, 2007. In. REGO, Gabriela de Azevedo Leão. O lugar da tradução no ensino de língua estrangeira moderna. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/letrasgraduacao/files/2014/08/Gabriela_Leao_Rego.pdf. acesso em outubro de 2016.

COSTA, W. C. Tradução e ensino de línguas. In: BOHN, H.; VANDRESEN, P. (Orgs.) **Tópicos de Linguística Aplicada**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/2293/1983>

COSTA, M. B. **Globetrekker: Inglês para o ensino médio**. 2. Ed. Vol. 1. São Paulo, SP: Macmillan, 2010.

HURTADO ALBIR, A. (1988). “Hacia un enfoque comunicativo de la traducción” In: II Jornadas Internacionales de Didáctica de Español Lengua Extranjera, Ministerio de Cultura, Madrid, p. 53-79. In: LUCINDO. Emy Soares. Tradução e ensino de línguas estrangeiras. Disponível em: <file:///C:/Users/EDNA%20CAMARA/Downloads/12933-39879-1-PB.pdf>. Acesso em outubro de 2016.

JAKOBSON, Roman. On the linguistic Aspect of Translation. In: VENITI, L. **Translation Studies Reader**. London/ NY: 1952 Ed. Routledge, p.113 – 117. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.464.601&rep=rep1&type=pdf>

LEFFA, V.. Criação de Bodes, Carnavalização e Cumplicidade. Considerações Sobre o Fracasso da Lei na Escola Pública. In: CÂNDIDO DE LIMA. Diógenes. (Org.). **Inglês em Escolas Públicas Não Funciona: uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.15-32.

LOPES, G. R. **Crenças em estratégias de aprendizagem de línguas (inglês) de alunos de cursos de letras**. (Dissertação). Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: http://pgla.unb.br/wp-content/uploads/2008/04/Glenda_Rubia_Lopes.pdf. Acesso em março de 2016.

LUCINDO, Emy Soares. **Tradução e ensino de línguas estrangeiras**. *Scientia Traductionis*. Florianópolis, n. 3, nov. 2006. p. 1-10. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/12933/12064>. Acesso em Março de 2016.

MALMKJAER, Kirsten. **Translation and language teaching. Language teaching and translation**. UK: St. Jerome, 1998. In BRANCO. Teorias da tradução e o ensino de língua estrangeira *Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 8, n. 2, p. 185-199, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/viewFile/2941/2545>

MERCADO, Luiz Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: EDUFAL, 1999. Disponível em: http://www.ufrgs.br/niee/eventos/RIBIE/1998/pdf/com_pos_dem/210M.pdf

MEDINA, C.A. **Música Popular e Comunicação: um ensaio sociológico**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NORD, C. Training Functional Translators. *In: Cadernos de Tradução*. Florianópolis: UFSC, v. 1, n. 5, p. 27-45, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000195&pid=S0103-1813201100020000200019&lng=en

NUNES, L. M. **Apresentação em congresso**. Congresso de Educação. Dionísio Cerqueira, 2006.

PRADO, C. & CUNHA, J.C. **Língua Materna e Língua Estrangeira na Escola: o exemplo da bivalência**. Autêntica: UFMG, 2008. Apud Tecchio e Bittencourt (2011)- Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/viewFile/1471/765>

PIAGET, J. (1954). Les relations entre l'intelligence et l'affectivité dans le développement de l'enfant. *Bulletin de Psychologie*, VII, 143-150, 346-361, 522-535, 699-701. In: ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender. *Temas psicol.* [online]. 1993, vol.1, n.1 [citado 2016-10-19], pp. 31-44 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000100006&lng=pt&nrm=iso . ISSN 1413-389X. Acesso em outubro de 2016.

ROGERS, C.R. (1971). **Liberdade para aprender** (E.G.M. Machado & M. P. Andrade, Trans.). Belo Horizonte: Interlivros de Minas Gerais. (Original publicado em inglês, 1969).

ROMANELLI, Sergio. **O uso da tradução no ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras**. *Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília - DF, v. 8, n. 2, p. 200-219, 2009. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/2942>. Acesso em: 18 março de 2016.

RIDD, Mark David. “Tradução, consciência crítica da linguagem e relações de poder no ensino de línguas estrangeiras”. *In: I Simpósio Internacional de Análise de Discurso Crítica*. Denize Elena Gracia da Silva (Org.). Brasília, 2005. p. 1-8. Disponível em: <file:///C:/Users/EDNA%20CAMARA/Downloads/2938-8839-1-PB.pdf>. Acesso em março de 2016.

RICHARDS, Jack C.; RODGERS, Theodore. 2001. *Approaches and Methods in Language Teaching*. Second Edition. New York: Cambridge University Press. Disponível em: <https://mindmyteaching.files.wordpress.com/2015/.../techniques-in-language-teaching.p>. Acesso em Maio de 2016.

SANTOS, Cleydstone Chaves dos & FERNANDES, Lincoln P. Da antiguidade à era informatizada: um breve percurso histórico da tradução no ensino de línguas. **IN: Anais do**

VII Seminário Nacional sobre o Ensino de Língua Materna e Estrangeiras e de Literatura. Campina Grande, UFCG, 2011.

SCHMITZ, John Robert.(2009).Ensino/aprendizagem das quatro habilidades lingüísticas na escola pública: uma meta alcançável? In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa. Conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola. p. 17-20.

VIGOTISKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf> . Acesso em outubro de 2016.

WIDDOWSON, H. D. **O ensino de línguas para a comunicação**. Trad. José Carlos Paes de Almeida Filho, Campinas, SP. Pontes, 1991. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/39877/25432>

ANEXO

Questionário das professoras

- 1- Qual a metodologia aplicada em suas aulas? Descreva.
- 2- Você trabalha com tradução em suas aulas? Como?
- 3- Que tipo de textos os alunos costumam traduzir? Com qual frequência o fazem?
- 4- Quais as maiores dificuldades que você enfrenta em sua prática?
- 5- Você considera a tradução uma boa ferramenta ou estratégia de ensino?
- 6- Qual o material usado na sua prática? Livro, módulo ou outro?

Questionário dos alunos.

- 1- O que você acha das aulas de língua inglesa?
- 2- O que você considera mais difícil nas aulas de língua inglesa?
- 3- Você gosta da estratégia de traduzir textos ou músicas? Por que?
- 4- Como você gostaria que fosse as aulas de inglês?